

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado do PR Class.: Xetá 02

Data: 31/08/89 Pg.: _____

Justiça branca julga "o último dos xetás"

Para a Justiça, Tikuen é só um assassino. Mas para a Antropologia, ele é bem mais que isso. Ele é um descendente dos xetás, uma tribo em extinção

Thomas T. Traumann

O bóia-fria José Luciano da Silva pode muito bem ser considerado um cidadão comum. Ganha pouco, tem seis filhos e uma tuberculose crônica. Ciumento, José Luciano possui o agravante de ter assassinado o amante da sua esposa em novembro de 85. O julgamento já foi adiado diversas vezes, mas deverá ocorrer em Siqueira Martins entre outubro e novembro deste ano. Aparentemente José Luciano não teme a decisão do júri popular que analisará o seu caso, pois acredita que tinha toda a razão no que fez.

Assim como a vida de bóia-fria, o caso de José Luciano seria banal não fosse por uma particularidade: ele é um dos últimos sobreviventes da tribo xetá — um Grupo indígena da idade da pedra lascada que passou pelo Centro-Sul e Nordeste do Paraná até ser "descoberto" na década de 50. Outra singularidade de José Luciano é a de ser o único remanescente que conhece com alguma profundidade os costumes da tribo. "Para a Antropologia ele significa a última chave para entender a vida dos xetás", explicou a pesquisadora Blanca Rojas, do Museu Paranaense.

A destruição da cultura xetá está, por motivos óbvios, intimamente ligada à vida de José Luciano. Aliás, dificilmente ele atenderá se for chamado pelo nome "branco"; prefere "Tikuen", que na língua xetá significa jovem e era a denominação geral de todos os índios até chegarem à idade adulta. Quando tinha aproximadamente oito anos (o cálculo é de funcionários do Serviço de Proteção ao Índio em 1958), Tikuen foi obrigado a deixar a floresta e seguir para uma reserva em Pinhalzinho, junto com o seu pai. Foi então que "nas-



Os filhos mestiços da Tikuen, o xetá, com Conceição. Vida difícil de uma típica família de bóias-frias do Paraná.

ceu" o nome José Luciano dos Santos, mais utilizado nos autos do processo de homicídios que no cotidiano de Tikuen.

Aculturação forçada
Foi na reserva que o pai de Tikuen lhe ensinou os fundamentos dos rituais e mandamentos xetás — uma tradição oral da tribo. "Os outros xetás restantes têm um conhecimento superficial, pois foram obrigados a deixar a tribo antes", contou Blanca Rojas. A própria Funai paranaense reconhece que não se tem uma idéia exata do número de xetás ainda vivos, mas acredita que não deve ir muito além de uma dezena. "Oficialmente sabemos de nove xetás e a maioria sofreu uma aculturação forçada no contato com os brancos", disse o administrador regional da Funai de Londrina, Irani Cunha da Silva.

É exatamente na discussão sobre o grau de aculturação que deve se centrar o julgamento de Tikuen. Pela legislação, o índio é considerado "relativamente incapaz" e portanto não responsável pelos seus atos. O problema é que esta "incapacidade" é variável, dependendo da integração do indígena na sociedade; isto significa que o caso de Tikuen pode ser considerado homicídio qualificado, com ele sujeito a uma pena de até trinta anos de detenção em uma reserva da Funai.

Bem diferente seria se fosse um julgamento nos moldes xetás, onde o "crime pela honra" não só era considerado normal, como haveria a certeza de absolvição. Tikuen assassinou João Magalhães de Al-

meida a facadas depois de uma discussão recheada de provocações. Maria da Conceição havia "se juntado" com João duas semanas antes da briga, mas depois do assassinato decidiu voltar para Tikuen e os seis filhos mestiços.

Capacidade de sentir
"A divisão de índios entre mais ou menos aculturados é questão para antropólogos e sociólogos — afirmou o advogado de defesa, Vitorio Constantino — o que se espera da Justiça e que entenda

que a incapacidade indígena está ligada à capacidade branca de entender o problema." Este sentimentalismo dos jurados será a maior arma na defesa de Tikuen: "Deve haver sensibilidade aos problemas dos xetás, pois se estará julgando não só uma pessoa, mas toda uma cultura", argumentou o advogado.

A tese, na verdade, não é nova, e já foi usada pelo próprio Constantino em um recente julgamento de índios em Londrina. O peso maior no caso de Tikuen é o de ser uma espécie de "último dos moicanos", de tribo condenada à extinção. "Se for condenado, Tikuen não terá como sustentar a família e provavelmente sofrerá uma piora no seu estado de saúde", previu Blanca Rojas.

Enquanto o processo permanece aguardando a data do julgamento, só o próprio Tikuen mostra uma calma distante da discussão entre os brancos. Por diversas vezes disse ao seu advogado que gostaria de ser julgado, porém, mais para mostrar os filhos que não pretende fugir da responsabilidade do que por respeito à Justiça branca. Tanto que prefere passar o dia nas lavouras próximas da reserva de São Jerônimo da Serra, onde vive, a gastar tempo em discussões sobre o julgamento. Como um cidadão comum, contam os seus defensores, quando chega em casa reúne os filhos para falar como era melhor a vida dos xetás nas florestas.



Tikuen com o cacique Nelson.

Parque da tribo só ficou na intenção

Todos os xetás conhecidos vivem próximos das reservas da Funai. Isto seria bem diferente se tivesse sido colocado em prática um decreto de 1961 assinado pelo então presidente Jânio Quadros, que criava o Parque Nacional dos Xetás. O local escolhido era o Noroeste do Estado, onde hoje estão municípios como Umuarama e Cruzeiro do Oeste. O projeto nunca saiu do papel.

Quando Jânio Quadros apoiou a criação do parque exclusivo para os xetás, existiam cerca de trezentos sobreviventes, que representavam dois terços do que os pesquisadores acreditavam ser o número de membros da tribo na década de 50. Sem qualquer esperança de uma reserva especial, os sobreviventes atuais já manifestaram o interesse de pelo menos morarem próximos. A maioria deles hoje mora em reservas com maioria da tribo Caiçangue, que antes do avanço da colonização branca eram os maiores inimigos dos xetás e os perseguiam para escravizá-los.

Origem da tribo é ainda desconhecida

Quarenta anos depois de serem encontrados por uma expedição liderada por Loureiro Fernandes, os Xetás continuam como uma lacuna no quebra-cabeça dos antropólogos. Apesar dos relatos dos sobreviventes conhecidos, os pesquisadores ainda não chegaram a uma conclusão definitiva sobre a verdadeira origem da tribo. Por terem uma civilização da idade da pedra lascada — sem conhecimento do uso do ferro, cerâmica ou agricultura — os xetás eram caçadores e coletores de frutos das florestas. Por isso migravam a cada mudança climática ou avanço da tribo caiçangue e depois com a colonização branca.

Uma das teses sobre a origem dos xetás é de que participavam da migração guarani do Paraguai até "Yvy mardéy" (terra sem males) — uma espécie de paraíso que seria encontrado na direção do litoral atlântico. Outra possibilidade é que seriam remanescentes dos tupi guarani que vieram do Norte do Brasil em busca de um clima mais propício. "O Tikuen, por ter tido um contato maior com a tribo pode ajudar na solução deste enigma", disse Blanca Rojas, que participa de uma pesquisa sobre os xetás no Museu Paranaense.

Pelos dados que já foram colhidos, os xetás tinham uma religião "astrológica" — onde os astros, o sol, lua e as estrelas eram tratados como entes divinos. Também os animais, como o "pimpal" (gavião) eram cantados em ritos religiosos, enquanto o "mou" (espírito escuro) era temido e adorado pelo seu poder. Os xetás também possuíam uma grande habilidade manual e todos os dias tomavam um chá de mate frio, similar ao chimarrão. "Os xetás podem ser considerados um exemplo de como a civilização branca exterminou com os índios sob a bonavontade do governo", disse o advogado Vitorio Constantino.

Elo da evolução
"A própria evolução antropológica das sociedades primitivas poderia ser melhor entendida se os xetás tivessem sido protegidos", lamentou Blanca Rojas. Uma opinião parecida com a dos pesquisadores europeus, que tomaram contato com os xetás na metade do século. Segundo eles, os xetás poderiam representar o "elo perdido" nos estudos sobre a evolução humana. (T.T.T.)



Tikuen: defesa da honra.